

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno.	2\$000 "
Para a Africa, por anno.	1\$200 "
Numero avulso.	30 "

Annunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha.	40 réis
Repetições	20 "
Imposto do sello.	10 "

Originas e jam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

Não é bom ser mau

Porque será que o velhaco, —engravatado ou por engravatar—, depois de atraíçoadamente haver mordido o calcanhar do homem inoffensivo, o fica olhando com certa reserva?

E' porque o malandro, convicto das suas quotidianas patifarias, não ignora que o offendido em breve se doerá, e não quer apesar de tudo, passar a seus proprios olhos, por um requintado hypocrita, classificação com que todo o velhaco fingé emburrar, para que os ingenuos possam imaginar que algum sentimento bom lhe resta ainda.

E n'estas criticas circumstancias, costuma amalgamar todas as suas baixas qualidades como que em sujo alguidar de barro, consideral-as, amassal-as, confundir toda aquella fetida mixordia a seu modo e, pando como um figo lampo, concluir n'um extremo arranco de cynismo tão velhaco como inverosimil:

«Está bem. Tudo o mais, menos hypocrita! Fiz-te uma propositada patifaria que tu, no meu lugar, de certo me não farias, e de que apenas me advieram alguns mesquinhos interesses porcós, miseraveis, e por isso mesmo me não convem agora tractar-te como antes d'ella porque, antes iniquidade sobre iniquidade, coice sobre coice,—já que isso me fica a caracter—, do que o feio epitheto de hypocrita!

«Segundo o meu bello modo de ver as coizas n'este ameno Charco de patifarias, mais vale ser malandro, velhaco, traidor e patife muitas vezes, do que hypocrita uma só vez! Jágora será este o meu bordão favorito em quanto alguém m'ó não quebrar nas costas; porque agora aqui para nós, que ninguém nos escuta, ó meu fiel bestunto, eu não posso deixar de ser hypocrita e mais que hypocrita, malandro e mais que malandro, porque alem

das injustiças que pratico, ainda ás vezes insulto: e tudo isto com capa de bom, ó necios que me não conheceis!

«Ora a um homem nas minhas condições, que diabo se ha de chamar? Um patife, não ha duvida, porque outro nome não cabe a um typo que como eu, practica uma pouca vergonha, uma descarada injustiça por 1 ou 2 tostões, e ás vezes por menos, e até por nada, que tudo isto é nada; pero lo que si quier es. . .

«Mas eu tenho-as practicado, não só superiores a todo o interesse material, como por muito maiores quantias. E quanto maior é a importancia ou o prejuizo cauzado,—ás vezes irreparavel—, maior é a injustiça que, em certos cazos, bem se pode chamar um peifeito barbarismo, que é mais alguma coiza.

«Logo, cá de mim para mim, intendo,—E se este carvalho agora tivesse ouvidos?—, que sou patife, velhaco, hypocrita, malandro, e tudo o mais n'este sentido, salvando sempre as apparencias, está claro, porque assim me convem

«O diabo é se algum dia. . . Mas não, o gado é manso, e eu sei-lhe andar ao geito, sei-lhe furtar o corpo: O que se quer é. . . Pois quê? Viva a liberdade! . . . Seja o que fôr, eu sei sempre incorrigível. Deixemos lá os moralistas que, ou são uns hypocritas, ou uns pedaços d'asnos, se é que não são ambas as coizas. O dicto, dicto. Lo que si quier es. . . Gosto d'isto!»

Corria tepida a briza, e o sol sobre o horizonte ainda doirava as ramadas do pitfaresco arvoredado do sitio, que não descrevemos por não valer a pena gastar cêra com mans defunctos. E pela mesma razão, vamos tambem abreviar a historia resumindo-lhe o triste

EPILOGO

Emquanto o miseravel patifario monologava espojado

n'um banco de relva á refrigerante sombra d'um copado carvalho secular, n'um tão bello como frondoso bosque dos suburbios de Nabança, aonde se julgava absolutamente só, uma das suas muitas victimas que, havia tempos lhe andava na pista, o escutava attentamente por de traz d'uma velha azinheira e, ao ouvir-lhe pronunciar as fataes palavras «gosto d'isto», o intimara a fazer eterno ponto final, rugindo: «Talvez não gastes!» ao mesmo tempo que lhe descarregava uma tremenda cacetada sobre uma orelheira.

—Barbaros! exclamaram os seus congeneres, ao ver-lhe a cabeça espedaçada. Mataram um homem impolluto, o rei dos homens!

—Malandros! bradaram algumas das suas victimas no mesmo tom. Mataram um homem sem alma nem consciencia, o rei dos patifes!

Moralizando: Foi um barbarismo, não ha duvida; mas para o infeliz não havia tribunaes, porque as sabia fazer com certa limpeza porca, como muita gente boa sabe.

Logo. . . Não é bom ser mau.

31—12—05.

Fernandes Arca.

Descanço semanal

O «Diario illustrado», desde segunda feira proxima, deixa de publicar-se ás segundas feiras, para que o seu pessoal possa ter o domingo de descanso.

Outros jornaes vão seguir-lhe tambem o exemplo, o que é um passo dado para a tão debatida campanha do descanso semanal, do numero pessoal da imprensa.

A *Philharmonica Figueiroense* percorreu no dia 1.º as ruas d'esta villa, dando as boas festas aos seus socios, tocando tambem durante a missa conventual que, como no dia de Natal, agradeou muito.

A esposa do nosso amigo e assignante, sr. Manuel Dias Coelho, deu ha dias á luz com bastante felicidade, uma creança de sexo feminino.

O tempo

Têm descido abundantes chuvas, durante os ultimos 10 dias, por vezes acompanhadas de grandes ventanias, trovejando durante a tarde do dia 2.

A temperatura baixou muito com a descida das chuvas, e o tempo corre propicio para os campos.

De visita ao nosso amigo, sr. Joaquim Buraca, digno escrivão de direito, estiveram nos dias 2 e 3 n'esta villa, os srs. D.º Custodio Pessa, medico do exercito, e Ayres Mesquita, de Pombal.

De passagem de Lisboa para Castanheira de Pera, estive no dia 4 da corrente n'esta villa, o nosso assignante sr. Firmino Francisco.

×

Estive tambem n'esta villa, no mesmo dia, o nosso amigo, sr. Manuel Joaquim Pereira, intelligente industrial, de Castanheira de Pera.

Um operario ministro

Ao actual ministerio inglez foi chamado o operario socialista John Burn, que ficou com a pasta das Obras Publicas. Como deputado salientara-se na opposição contra o governo que acaba de cair, e assistira sempre ás sessões da Camara com o seu traje de operario.

Como os deputados inglezes não tem remuneração, Burn, nunca deixara de trabalhar na sua officina.

Ao entrar no Paço para apresentar-se a Eduardo VII, os guardas nobres, vendo-o de jaqueta, não o queriam deixar entrar, sendo necessario que o Lord chanceller lhes viesse declarar que John era seu collega no ministerio.

Assim se procede n'um paiz constitucional em que se respeitam as indicações populares.

(Do «Leiria Illustrada»,

Apreciando: Não nos admira que um operario chegue a ser eleito deputado ou nomeado ministro, porque afinal é um homem como qualquer outro; mas o que realmente nos espanta, o que deveras nos maravilha, é que um operario, trabalhando, chegue a adquirir conhecimentos litterario-politicos a ponto de, como John Burn, se salientar n'uma Camara como a da Grã-Bretanha!

Salvê Força de vontade!

«A Lucta»

Com este titulo começou a publicar-se na segunda feira em Lisboa, um jornal diario, de que é redactor o sr. D.^o Brito Camacho.

E' mais um combatente da Republica.

E' do seu artigo de apresentação o trecho que segue:

«Torna-se urgente fazer uma larga sementeira de ideias, agitar questões, discutir problemas, aventar principios, formular hypotheses, crear, enfim, uma intensa vida de espirito, por tal modo que a politica portugueza se não passe inteiramente como disse Guerra Junqueiro, entre duas aberturas naturaes. Por outras palavras—o que é preciso... é lutar. Simplesmente a lucta, tal como nós a entendemos, não é essa guerra descomposta que uns aos outros fazem os politicos d'officio, cada qual procurando elevar-se rebaixando os outros, como se as maculas albeas fossem a justificação dos defeitos proprios. Essa lucta não a faremos nós, avessos por educação e por indole a exercicios de faca e calhao. Pouco valem os homens em comparação dos principios, e ha muito mais gloria em desfazer um erro, em triumphar d'um vicio, em abater uma miquidade, do que em subjugar um individuo, mesmo quando o seu valimento seja alguma coisa de grande.—Está provado que não é discutindo as pernas d'um presidente de conselho, que se deita abaixo um ministerio. Temos a nitida comprehensão das nossas responsabilidades como jornalista, responsabilidades d'ordem moral, entende-se, que as outras bem pouco valem. A ellas procuraremos satisfazer galbardamente, impondo-nos quantos sacrificios forem precisos para justificarmos a dedicação dos nossos amigos, e o respeito dos nossos adversarios. Erraremos algumas vezes, por defeito da intelligencia: mas será sempre honrado o nosso proposito.—Que nos atire a primeira pedra o que nunca tiver errado.»

Estamos inteiramente d'accordo. E' este tambem o nosso modo de pensar. A moderação não exclue a energia. A missão da imprensa republicana deve ser, principalmente,

FOLHETIM

OS REIS MAGOS

No tempo em que Herodes reinava em Jerusalem, uma estrella que eclipsava todas as outras pelo seu brilho appareceu uma noite no céu do Oriente. Os reis Magos, que possuíam a sciencia dos astros, reconheceram n'ella o signal de um acontecimento consideravel: uma creança acabava de nascer na Judeia, que era annunciada como devendo ser o Salvador do mundo.

A estrella deslisou brandamente para o Occidente, parecendo convidar os principes negros a segui-la. Levaram consigo uma escolta de servidores, e camellos que carregaram de presentes, e depois pozeram-se a caminho. A estrella radiosa levou-os a través a Chaldea, a Babilonia e a Arabia, illuminando-lhes a estrada durante a noite, e de dia scintillando com um doce brilho para que elles não perdessem o seu signal.

Chegaram assim a Judeia. A estrella parou subitamente, como que

educar, isto é—levar a convicção a todos os espiritos de modo a preparar uma acção heroica, fecunda e invencivel.

Mulher morta

No dia 3 do corrente, de manhã, foi encontrada morta, junto á estrada d'esta villa para Pedrogam Grande, proximo ao lugar do Pinheiro, Maria da Silva, casada com Francisco Almeida, do Casal dos Araes, de quem vivia separada ha tempo, vivendo elle com outra mulher, sua amante.

Desde que foi abandonada pelo marido, vivia com muita miseria, ao que se attribue a morte.

A infeliz foi vista na tarde do dia 2, passando para um moinho proximo e falleceu quando regressava a casa, com uma pequena porção de farinha para seu alimento.

Foi-lhe hontem feita a autopsia, de que esperamos o resultado.

Baptisado

Baptisou-se no dia 1.^o do corrente, um filhinho do nosso assignante sr. Benjamin Augusto Mendes, commerciante n'esta villa, que recebeu o nome de Juvenal.

Foram padrinhos seus tios maternos, sr. João Dias Coelho, e D. Edalina Dias Coelho.

A philarmonica da terra foi n'esse dia emprimental-o, tocando em sua casa durante algum tempo.

A individualidade no olho da batata

Ácerca de tão debatida questão de saber, na plantação das batatas, se é preferivel empregar tuberculos grandes, ou pequenos, ou medianos, ou fragmentos de tuberculos, o sr. Harraca, levado por diversas experiencias, formúla nos seus «Annales de l'amélioration des plantes», a seguinte opinião:

«A ultima unidade reproductora que temos a considerar na batata não é o tuberculo, mas sim o olho susceptivel de dar um rebento ou gom-

fixado por invizivel mão na abodada sombria do céu, por de cima de uma pequena aldeia chamada Bethlem. E, com grande surpresa sua, foi n'um pobre estabulo, entre a palha d'um presepio, que os Magos encontraram a Creança cujo nascimento lhes havia sido annunciado e sobre cujo rosto se inclina com solicitude sua mãe Maria.

Os reis Magos prostraram-se deante do Recem-Nascido, fizeram-lhe offerendas d'oiro, de incenso e de myrra, que tinham levado para elle dos seus reinos longinquos.

Tal é a historia da estrella dos Magos, como a conta a tradição, e como nós todos a conhecemos. Mas o que se sabe menos, foi o que foifeito da estrella annunciadora, depois de haver desempenhado a sua missão.

Lançada a través dos espaços infinitos para presagiar o nascimento do Menino Jesus, depois de ter parado por cima de Bethlem, não tinha mais do que retirar-se. Mas onde occultar-se? No céu, ella teria eclipsado todas as suas rivaes, e outros Magos, observando-a do alto das torres dos seus palacios, teriam esperado um novo Messias. Não podia esconder-se

no nada, isto é, um ser completo que tem em si os meios de viver.

«O tuberculo não é unidade irreductivel ou objecto que tenhamos de considerar, finalmente, mais do que os fragmentos de tuberculo.

«O tuberculo é um ramo, um sustentaculo, uma colonia de seres. Devemos considerar como factores do producto cada um dos olhos dos tuberculos, porque cada um é um ser distincto. E' a reunião dos resultados da vida propria dos gommos que concorre para determinar o producto final, O olho é uma individualidade.

«A noção de individualidade do olho da Batata podia ser deduzida das noções de botanica geral; sendo, n'uma palavra, o olho ou gomo em toda a planta o equivalente de um germen ou semonte, pois que tem a faculdade de reproduzir a planta inteira. A multiplicação asexual assenta n'esta propriedade.»

Na opinião do sr. Harraca ha portanto vantagem em plantar olhos separados do tuberculo e que vivem isoladamente, havendo tambem vantagem pelo que diz respeito ao melhoramento da raça. Os olhos isolados adquirirão um desenvolvimento que nunca chegariam a attingir quando se empregam tuberculos inteiros, mesmo plantados a grandes distancias.

E se o tuberculo reflecte a aptidão geral da planta, vê-se que uma genealogia cultivada em olhos isolados está destinada a augmentar e melhorar a aptidão productiva da variedade considerada. N'esta côr, poder-se-ia, deixar só aos olhos reproduzidos uma parte do tuberculo. Ha n'isto um methodo de melhoramento. O sr. Pierr de Jermolaff, distincto agricultor dos Baixos-Pireneus, tem applicado este methodo para melhorar a variedade da batata «Early rose» e «Intitut de Beauvais».

(Da Vinha de Torres Vedras).

Tem passado ha dias bastante incommodado, incomodo de que vae melhor e sem já inspirar enxada, o menino Joaquim, filho do sr. Ayres Buraca.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

no nada, sendo um astro novo em folha, de raios esplendorosos, e cujo destino não podia terminar tão cedo.

Foi, pois, forcada a buscar um refugio na terra. Por muito tempo andou por cima dos continentes e das ilhas querendo encontrar, para ahi repousar, uma região perfeita. Fazia-se tão pequena quanto possivel, a fim de passar desaperecebida e de não incommodar as leis que regem o universo.

Muitos marinheiros, no emtanto, foram perturbados nas suas viagens, tendo-a confundido com a Estrella Polar. E a estrella vagueava sempre.

Por uma noite de maio, avistou enfim as montanhas da Suissa, os seus valles de ricas pastagens, as suas aldeias e habitantes pacificos.

—Aqui está, pensou ella, o paiz que escolho.

E, dividindo-se n'uma infinidade de estrellas cadentes, deixou-se cair, como uma chuva de oiros, sobre os cimos dos montes.

No dia seguinte, os pastores e os caçadores de camursas encontravam entre a neve, flôres que tinham desabrochado subitamente, semelhantes a astros de velludo branco.

JANEIRO

—Mãe, o lume está apagado.

A mãe olhou em volta, com um olhar desvairado. A luz do luar que entrava pelas frestas da porta, viu os tres pequenos a um canto, junto da lareira de cinzas apagadas.

Bateram á porta.

—Entre! disse ella.

E o Frio entrou. Tinha umas grandes barbas escorregadias, feitas dos limos dos rios, e os cabellos eram flocos de neve, mais brancos que o luar. Luzia-lhe nos labios róxos um sorriso contrahido, feito de todos os terrores que a sua passagem tinha semeiado. Batera já a muitas portas, e tinha entrado em muitas casas. E o luar viu n'essa noite muitos harrores e muitos corpos marmorizados.

O Frio chamou um dos pequenos e achegou-o ao seio. E a creança ficou immovel.

A mãe olhava em roda, com um olhar de louca.

—Mãe, já não ha pão no armario.

Os dois pequenos soluçaram. E o murmúrio dos soluços cahiu no silencio, como agua gelada na pedra branca de um tanque.

O Frio acalentava o pequenito, cantando-lhe a balada das nortadas cortantes.

Batera á porta.

—Entre! disse a mãe.

E a Fome entrou. Era macilenta e livida, como a luz dos cirios na treva das egrejas. Puxou um banco de pau e sentou-se junto das creanças, que soluçavam baixinho.

Uma d'ellas poisou-lhe a cabeça no regaço, enquanto a outra se lhe encostava no braço descarnado.

E ficaram immoveis.

A mãe tinha no olhar uma fixidez gelada.

Peia estrada, o luar escorria como uma tualha d'agua.

Subito, um clarão inundou toda a casa. Fora sentiam-se risos.

Bateram á porta.

—Entre! disse a mãe.

E a Caridade entrou. Trazia a capa de misericórdia a que se acolhem todos os desgraçados, e os braços vergavam-lhe ao pezo de tudo o que faz fugir o Frio e a Fome.

E o Frio Fundiu-se ao calor da Caridade, a Fome sumiu-se como uma visão de horror.

As creancinhas adormeceram nos braços da Caridade, com os labios illuminados por um sorriso de celeste alégria.

E a mãe, cahindo de joelhos, elevou para Deus o seu coração cheio de agradecimento. X.

Era a pequena flôr que se chama «Flôr do gelo», que tem a fórma de uma estrella, e que parece feita de neve luminosa.

Fieis ao voto da estrella divina, sua mãe, as flôres do gelo não crescem em outro qualquer lugar da terra. Não se pôde encontral-as sequer nos declives arrelvados, nas ravinas, ou nos bosques da Suissa; é preciso subir lá ao alto para as colher, aos cumes quasi inacessiveis e onde as neves são eternas. E' ali, no mais perto possivel do firmamento d'onde são originarias, que ellas gostam de deixar desabrochar as suas corollas avelludadas e delicadas.

E a Suissa considera como um talisman a sua flôr milagrosa, a flôr que a preservou, a través os seculos, de entrar nas lutas das nações.

A flôr do gelo da felicidade aquelles que a tocam; e como outros povos se adornam de outras flôres, os suissos, para festejar o Natal, adornam os seus chapéus com a flôr do gelo, a estrella-flôr dos Magos e dos pastores.

(Do Jornal de Noticias do Porto).

A EL-REI--PADRE NOSSO

Vós que voltaes de Paris
Ouvi supplica ardente
D'este povo padecente:
Padre Nosso

Livrae-nos d'este governo!
Assim, talvez se consiga
Que em toda a parte se diga
que estáes nos céos.

Por tal acção meritoria
Em nossos peitos sereis
A' maneira d'outros reis
santificado.

Livre de criticas duras,
Alto na Historia, e saudado
Como lustre d'um reinado
seja o vosso nome.

Se tendes essas tenções
Como a boa gente pensa,
Senhor! que a vossa presença
venha a nós!

A's regalias da Patria
E' tempo já de attender...
Não deixeis, Senhor, perder
o vosso reino.

A Iniquidade subjuga
Este pobre Portugal...
Ah! que a justiça, afinal,
seja feita.

Dae-nos aquillo que é nosso...
E que outros querem perder,
Poís outra não deve ser
a vossa vontade.

Todo o bem que nos fizetdes
Coroar-vos-ha de novo.
Porque não ha outro povo
assim na terra.

E vós, amado e bemdito,
Desmentireis quem nos diz
Que estivestes em Paris
como no céo.

Emquanto afdaste por fórd
Não faltou, por nosso mal,
Quem roubasse em Portugal
o pão nosso

Cobrem-nos torpes vergonhas...
Fermenta, oculta, a desordem,
Porque a Iniquidade é a ordem
de cada dia

Arredae com vosso sceptro
A trapalhada que impera;
A certeza d'outra era
nos dae hoje.

Se este fallar desusado
Alguma dôr vos suggere
E vossos ouvidos fêre,
Perdoae-nos, Senhor!

Cada vez, com esta gente
Os costumes são peiores...
E cada vez são maiores
as nossas dividas

Lança os olhos ao mundo!
Bem podeis, Senhor, cañal-os
A' procura de vssallos
assim como nós...

E' tempo de nos valer!
E se assim fôr, com effeito,
O mal que já nos foi feito,
perdoamos.

Devem-nos outros respeito
Os que nos tratam tão mal...
Ou isto será fatal
os nossos devedores!

Mandae que a gente perversa
Dê logar a gente séria!
Nos abyssos da miseria
Não nos deixeis cahir!

Lembrae-vos como a Loubet
O vosso povo saudou!
Olhae que o povo ficou
Em tentação! e livrae-nos do mal. Amen.

Esta engraçada e espirituosa ora-
ção, foi publicada pelo jornal *Novi-*

dades, no dia em que El-Rei che-
gou a Lisboa, no seu regresso de
Paris.

BICYCLETES D'ALUGUER

ACCESSORIOS A' VENDA

Tudo por preços
extraordinariamente baratos

LOJA DO POVO

FIGUEIRO DOS VINHOS

Buscar lan...

Diz «O Heraldo» de Tavira, que um jornal allemão conta que no tempo em que lord Beaconsfield dirigia a politica ingleza, em visita ao principe de Bismarck, lhe perguntara:

—Como procedeis vós, meu caro collega, para vos libertardes dos importunos de toda a especie que, geralmente, incommodam os homens de Estado? Sim, como lhes daes a entender que é chegado o momento de se porem a andar?

—Nada mais simples, respondeu Bismarck. Minha mulher conhece, tão bem como eu, os maçadores que me victimam e quando, lá na sua opinião, intende que elles abuzam da minha paciencia, ordena a um criado que me venha dizer que o Imperador me manda chamar a palacio.

Apenas o chanceller—de ferro, lhe chama «O Heraldo»—acabava de pronunciar estas palavras, a porta do gabinete se abriu, e um criado muito hirtto e apumado, pronuncia a fatidica pbraze: «Sua Magestade deseja fallar a Vossa Alteza.»

Como é facil de imaginar, lord Beaconsfield ficara como ferido d'um raio, ao ver-se irremediavelmente tosquiado no momento em que estava buscando lan. Vermelho como um tomate maduro, diz adeus ao seu caro collega e, convencido de maçador, d'um salto fica no meio da rua, aonde então ponde respirar mais á vontade, resmungando: «Até a mim! Até a mim! Tambem eu fui maçador!»

Declaração

Eu abaixo assignado, declaro a quem interessar que, deparando no jornal «O Figueiroense», de 30 de Dezembro p. p., para a arrematação de diversas propriedades, para o dia 21 de Janeiro do corrente mez, pertencentes á massa fallida, de José das Neves, que:—o N.º 1.º—Uma morada de casas—devia dizer-se: A quarta parte, ou metade da casa em que está morando; porque a outra foi do herdeiro fallecido Domingos. Foi esta parte que o herdeiro Carlos comprou á Viuva, cuja parte é ligada á outra que ao dito Carlos ceube por sorte; e a outra parte pertence ao abaixo assignado. E pu-

ra melhor comprehensão é: —que José das Neves, tem uma quarta parte do lado do Norte, e Serafim tem uma quarta parte do lado do Sul, e Carlos, duas partes ao centro, e pertencendo o pateo que a casa tem aos herdeiros —Carlos e Serafim—, como se póde verificar pelo formal de partilhas. E para que ninguem tenha ignorancia, faço a presente declaração.

Castanheira de Pera, 4 de Janeiro de 1906.

Serafim Henriques Carreira.

BILHETES de VISITA

Chegou á nossa typographia uma remessa de cartões de diversas qualidades e para diversos preços. Cartão marfim, marmore, e outros, de phantasia.

Satisfaz-se de prompto qual-quer encommenda e envia-se pelo correio, merecendo o requisitante confiança.

ANNUNCIOS

VENDEM-SE

Cazas novas, barracão para carros e gados, quintaes murados á beira da Estrada Districtal, e algumas geiras de terra com pinheiros, oliveiras, sobreiros, castanheiros e matto, no sitio do Barreiro, juncto d'esta villa.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 14 de janeiro de 1906, na Castanheira de Pera, e casas de habitação do fallido José das Neves, por 11 horas da manhã, se hão de arrematar em hasta publica, a quem maior lanço offerecer, os bens moveis pertencentes á massa fallida do mesmo José das Neves, comprehendendo todos os objectos de que se compoem o seu estabelecimento.

Figueiró dos Vinhos, 19 de dezembro de 1905.

O escrivão do 1.º officio,
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz,
João Ribeiro.

VENDEM-SE duas galéras em bom estado. Quem pretender, dirija-se a Francisco Henriques, da Castanheira de Pera.

Vende-se UMA CASA

que se compõe de casa de habitação, loja para negocio, e cavallariça, com propriedade pegada, que se compõe de terra de amanho, com videiras, tendo um bom nascente de agua, sita aonde chamam a Borraca da Côxa, ao Cimo das Varzeas.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Rodrigues, do mesmo logar das Varzeas.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 21 de janeiro do anno proximo de 1906, á porta do Tribunal d'esta Comarca, se hão de arrematar os predios abaixo indicados, a quem maior lanço offerecer acima do valor em que vão á praça, pertencentes á massa fallida do commerciante José das Neves, da Castanheira de Pera, a saber:

1.º—Uma morada de casas de sobrado e lojas com pateo e mais logradouros, na rua da Carreira, na Castanheira de Pera, em 700\$000 reis.

2.º—Um predio que se compõe de casas de residencia com loja, na rua de Carreira, na Castanheira de Pera, em 400\$000 reis.

3.º—Terra de sementeira, horta e lameiro, no Moinho Velho, em 300\$000 reis.

4.º—Um barracão na Senhora da Piedade, em 200\$000 reis.

5.º—Duas sobreiras com seu terreno, ao Lameiro, ao Cimo da Horta, em 30\$000 reis.

6.º—Uma terra com oliveiras e pinheiros, na Ferrença, em 50\$000 reis.

7.º—Um pinhal, ao Lagêdo de Cima, em 150\$000 reis.

8.º—Um pinhal, ao Lagêdo de Baixo, em 90\$000 reis.

9.º—Uma terra de lameiro no sitio de Entre Aguas, em 30\$000 reis.

10.º—Dois castanheiros, e pinheiros, com sua terra, ao Cimo do Moinho, em Entre Aguas, em 30\$000 reis.

11.º—A quarta parte d'um moinho, em Entre Aguas, em 100\$000 reis.

12.º—Terra com oliveiras, carvalhos e testada de matto, no Casal, em 60\$000 reis.

13.º—Terra de sementeira de rega, na Juliana, Alem da Ribeira, em 200\$000 reis.

14.º—Terra de sementeira de rega com pinhal, no Valle do Salgueiro, em 60\$000 reis.

São citados quaesquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 19 de dezembro de 1905.

O escrivão do 1.º officio,
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz,
João Ribeiro.

Professor de música

João Baptista Rodrigues, regente da Philharmonica de Figueiró dos Vinhos, com longa prática de leccionação de varios instrumentos de corda, encarrega-se da leccionação de piano, violino, viola, bandolim, e outros, indo a casa dos alumnos, ou em sua casa.

Tambem se encarrega da afinação de pianos, e garantindo o bom trabalho, só passado tempo recebe a sua importancia. Para este serviço vae aonde seja chamado, ficando barato aos interessados, por não fazer despesas em transportes.

HOTEL VIZIENSE

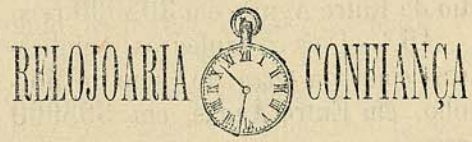
PROPRIETARIO
ANTONIO DO CARMO CAIADO
Rua dos Fanqueiros
139, 1.º e 2.º
LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.



Esta casa vende por preços barattissimos:

Relogios de sala, americanos, e de repetição, affiançados por dois annos. Despertadores, desde 800 reis.

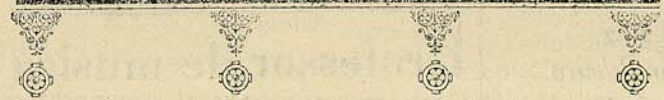
Relogios de bolso, em prata e aço, affiançados por um e dois annos.

Relogios de prata usados, desde 13500 reis.

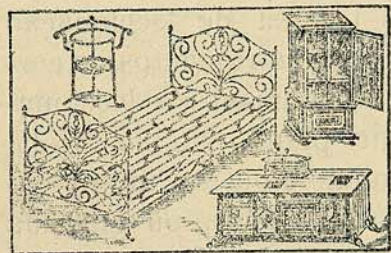
Correntes e cordões, de prata e ouro, e mais objectos de prata e ouro. Recbe ouro velho em troca.

Machinas de costura, novas e usadas, de diferentes marcas e affiançadas, tambem vende a pagamentos convencionaes.

NA LOJA DOS QUATRO GLOBOS



FIGUEIRO DOS VINHOS



deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos.—Sinentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Ha todas as peças para machinas de costura, agulhas e oleo de 1.ª qualidade.

Executam-se concertos muito baratos em relógios, machinas de costura e em objectos de ouro e prata, ficando perfeitos.

David—Relojociro

Figueiró dos Vinhos.

MANUEL DIAS COELHO

Participa aos seus amigos e freguezes que abriu a sua adega a S. Sebastião, n'esta villa, para venda do vinho de sua produção, para de baixo de ramo.

Officina de Canteiro

DE

BERNARDINO DE FREITAS

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade e gosto do freguez.

Tambem se encarrega da construcção de jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez.

Preços convencionados, mas sem competencia.

Manuel dos Santos

CEICEIRA — ALVAIAZERE

Participa a todos os seus estimaveis amigos e freguezes, que estando munido com pedra de primeira qualidade, se obriga a fornecer por rezumidos preços, toda a qualidade

de obra em cantaria no gosto que o freguez desejar.

Tambem se encarrega de construcções ou edificações de quaesquer obras com planta ou sem ella.

ALMANACH

DE

SANTO ANTONIO

para 1906

Contem magnificos e variados escriptos em proza e verso, bem como todas as indicações uteis e curiosas. E' um volume de 450 paginas, profuzamente illustrado com gravuras d'homens celebres, como os imperadores da Russia, do Japão, etc.

Custa apenas 200 réis em brochura, ou 320 encadernado.

Pedidos á Empreza da «Voz de Santo Antonio»—Braga.

MAXIMO CORKI

NA PRISÃO

Ultimo trabalho litterario do extraordinario escriptor russo. O mais empolgante que a sua penna tem produzido até hoje. O romance dos presos politicos da Russia, analyse dos costumes barbaros da escravidão moderna. Um volume de perto de 200 paginas, com uma capa a côres, illustrada com um dos melhores retratos do auctor.

PREÇO 200 RÉIS

«A EDITORA»

Largo do Conde Barão, 50

Á venda em todas as livrarias e em casa de todos os correspondentes d'«A Editora».

Franco de porte a quem enviar a sua importancia em vale do correio ou em estampilhas por carta registada dirigida correspondencia directamente a sede da Editora.

LEONOR TELLS

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por

MARCELINO MESQUITA

O popular auctor do drama com equal titulo, representado innumeras vezes e applaudido entusiastica e delirantemente nos theatros D. Maria e D. Amelia, acaba de firmar contracto com «A Editora» para a publicação d'este seu novo original, verdadeira obra prima litteraria da actualidade.

Grande edição de luxo profuzamente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes—Um exemplar «gratis» a quem enviar a importancia de 10 cadernetas, tomos ou volumes.

Em publicação na «A Editora»

—Largo do Conde Barão, 50—Lisboa.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

A AMBICÃO D'UM REI

por Eduardo de Noronha

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel

Nova edição popular

Caderneta semana' de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem remetter adeantadamente a esta empreza a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as terrs do continente colonias e Brazil.

Os Dramas da Côte

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

E. LADOUCEITE

A côte de Luiz XV, com todos os seus esplendores e miserias, é descrita magistralmente pelo auctor d'«O BASTARDO DA RAINHA» nas paginas do seu novo livro, destinado sem duvida a alcançar entre nós exito equal áquelle com que foi recebido em Paris, onde se contaram por milhares os exemplares vendidos.

A edição portugueza do popular e commovente romance, será feita em fasciculos semanaes de 15 paginas, de grande formato, illustrados com soberbas gravuras de pagina, e constará apenas de 2 volumes.

20 réis o fasciculo
100 réis o tomo

2 VALIOSOS BRINDES
a todos os assignantes

Pedidos á—

Bibliotheca Popular

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

Rudimentos de Agricultura Pratica

por

D. LUIZ DE CASTRO

Agronomo e lente do Instituto de Agronom. e Veterinaria

Livro profuzamente illustrado, 250 réis
Edição esmerada da Livraria Ferim, de Lisboa

Approvado pela commissão da escolha de livros

Os pedidos d'este livro e da Chographia, de Raposo Botelho, podem ser feitos á redacção d'este jornal.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.